

MOTTA COQUEIRO, A FERA DE MACABÚ, LITERATURA E IMPRENSA NA OBRA DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

Lucinéia Alves dos SANTOS¹

RESUMO: A proposta geral da pesquisa é a abordagem da relação entre imprensa e literatura. Usaremos como base o romance de José do Patrocínio, *Motta Coqueiro ou A Pena de Morte*, publicado pela primeira vez em folhetim, veiculado no periódico *Gazeta de Notícias* em 22 de dezembro de 1877 a 03 de março de 1878. A obra possui uma estreita ligação com a imprensa, pois foi inspirada em fato verídico noticiado por vários jornais em 1852: o assassinato brutal de uma família com oito membros. O episódio culminou na pena capital do fazendeiro Manuel da Motta Coqueiro em 1855, acusado de ser o mandante do crime. Neste trabalho será apresentado o ponto de vista da imprensa sobre o assunto, entre os anos de 1852 a 1855, período de julgamento, prisão e execução do réu, bem como a representação deste fato no romance de 1877.

Palavras-chave: José do Patrocínio; Imprensa; Literatura

RESUME: La proposition général du la recherche, elle est l'abord du la relation entre la presse écrite e la littérature. Nous servira de support le roman de José do Patrocínio, *Motta Coqueiro ou A Pena de Morte*, publié par la première fois en feuilleton, par le journal *Gazeta de Notícias* en 22 décembre 1877 à 3 mars 1878. Cette ouvrage a une étroite liaison avec la presse écrite, parce que elle a été inspirée en fait véridique informé par les plusieurs journaux à 1852 : l'assassinat brutal d'une famille avec huit personnes. L'épisode a résulté en la peine de mort du fermier Manoel da Motta Coqueiro en 1855, accusé d'être le commandant du homicide. Dans ce travail sera présenté le point de vue sur le sujet, entre les ans de 1852 à 1855, l'époque de jugement, prison et exécution du accusé, non seulement mais aussi, la représentation du fait dans le roman de 1877.

Mots-clé : José do Patrocínio ; La presse écrite ; Littérature

1. Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo o romance de José do Patrocínio, *Motta Coqueiro ou A Pena de Morte* e sua relação com a imprensa do século XIX. O romance foi editado pela primeira vez em folhetim no *Jornal Gazeta de Notícias* em dezembro de 1877. A obra foi escrita a partir de um crime hediondo ocorrido em 12 de setembro de 1852 nas redondezas de Conceição de Macabú, município próximo à cidade de Macaé no norte fluminense. Oito pessoas da mesma família foram brutalmente assassinadas dentro da própria residência. Entre as vítimas estavam Francisco Benedito, pai da família, sua esposa, duas adolescentes, crianças entre 3 a 7 anos e um rapaz de dezoito. Todos foram encontrados amontoados em um canto da casa, mortos a golpes de foice e pauladas, além disso, apresentavam partes dos corpos queimadas, pois talvez com intenção de esconderem o crime, os assassinos atearam fogo às vítimas.

¹ Mestranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas

O fato foi descoberto após muitos dias, e a imprensa começou a noticiá-lo através de dados incertos, como fez o *Diário do Rio de Janeiro*, que em 26 de setembro de 1852, publicou este artigo na seção “*Notícias Diversas*”:

Consta-nos que pessoa vinda no Vapor Campista, entrado no dia 23 de Campos por Macahé, referira que alguns pretos haviam assaltado uma casa nas imediações d’esta ultima cidade, e n’ella tinham assassinado o dono d’ella, a mulher e seis filhos, todos pequenos, deitando depois fogo a casa [...]
Não garantimos a veracidade da notícia, pelos poucos detalhes que a acompanharão.” (*Diário do Rio de Janeiro*. 26/09/1852, p. 2)

Mais tarde o crime fora atribuído ao fazendeiro Manuel da Motta Coqueiro que possuía antigas desavenças com o pai da família. Num passado, Motta Coqueiro recebera em suas terras a família de Francisco Benedito como agregada. No início havia uma relação de amizade entre o fazendeiro e a família recém chegada, inclusive Motta Coqueiro tornara-se padrinho de dois filhos menores de Francisco Benedito. Porém entre os componentes da família havia três moças adolescentes. Consta no romance de Patrocínio que uma delas, chamada Antonica, apaixonara-se pelo fazendeiro. Sabedor da situação, o pai, Francisco Benedito e seus acólitos emboscaram e surraram Motta Coqueiro.

A obra apresentará o ambiente onde ocorreu o crime, traçando um quadro social de modos de vida dos escravizados, da família assassinada, do protagonista acusado, e da própria sociedade interna e externa àquele micro mundo retratado da fazenda, com seus comportamentos, hábitos e costumes. Como exemplo, apresentaremos a análise da construção de algumas personagens.

2. As personagens de Motta Coqueiro ou A Pena de Morte

O romance de José do Patrocínio apresenta personagens brancas e negras de forma acentuadamente diferenciadas. Seguindo os cânones de sua época, as personagens brancas são revestidas de pureza, delicadeza e beleza, criando uma visão de perfeição sublime quase angelical. Ao contrário, as personagens negras são construídas com aspetos caricaturais, rudes e animais. Tais características são explicáveis pelas políticas racistas do embranquecimento social que desembarcam no Brasil com as teorias da evolução das espécies de Darwin e o determinismo de Spencer:

(...) As personagens serão condicionadas pelas máximas deterministas, os enredos terão seu conteúdo determinado pelos princípios de Darwin e Spencer, ou pelas máximas deterministas, os enredos terão seu conteúdo determinado pelos princípios de Darwin e Spencer, ou pelas conclusões pessimistas das teorias científicas raciais da época....(Schwarcs, 1993, p. 32)

Citamos como exemplo a construção da personagem de uma das filhas de Francisco Benedito:

Mariquinhas era realmente bela; arqueavam-se-lhe sob as narinas finas os lábios semelhantes às asas do tigre no sanguíneo colorido, e orlavam-lhe a testa pequena, bastos cabelos negros, descendo em ondas lustrosas a envolver-lhe dois terços da estatura mediana. Seu colo igualava a curva de um arco bem talhado, de que partissem à pequena distância as extremidades pontiagudas de suas setas. (Patrocínio, 1977:62)

Mariquinhas, a personagem descrita, possui características de uma mulher branca: nariz fino, cabelos bastos e negros... Tem um ar angelical e sagrado, pois em um outro momento da narrativa acontecerá esta observação: “Um tosco e mal limpo candeeiro bruxuleava ao lado de Mariquinhas, como se tentasse apagar-se para não dar lugar a que um olhar profano se atrevesse a devassar tamanhas perfeições.” (Idem, p.100). Encontramos em Mariquinhas a mulher idealizada, divina, a mulher romantizada.

Agora mostraremos uma personagem que se contrasta a Mariquinhas, trata-se da escravizada Carolina, amante de Manoel João, o feitor apaixonado:

Era uma crioula de dezesseis para dezessete anos, exalando sensualidade dos olhares maliciosos e através do crivo da camisa branca.

Desde que Manuel João empregara-se como feitor no sítio de Motta Coqueiro, íntimas relações foram travadas entre eles. Separados durante o dia em virtude de suas posições, ela – escrava do eito, ele – feitor, reuniam-se à noite na igualdade do amor, e ceavam juntos entre risos e carícias. (Idem, p.64)

Carolina não é uma mulher idealizada, ao contrário, sensual, é real e acessível. Desperta olhares maliciosos e, apesar de sua pouca idade, já tem o seu amante. Embora a narrativa seja da época do romantismo, Carolina é construída com características do realismo.

Outra personagem com aspectos realistas é a escravizada Balbina, uma das propriedades de Motta Coqueiro, considerada um oráculo, suas ordens eram atendidas pelos seus companheiros de eito. Conhecida as ervas eficazes para todas as moléstias; curava os escravizados e os senhores:

Diziam que ela tinha nas suas mãos a vida e a morte de todos, e para dá-las bastava apenas um olhar ou um assopro. No eito tinham-na por vezes visto chegar-se junto às cobras adormecidas, ou enraivecidas, e enxotá-las. Os répteis fitavam-na, agitavam as línguas e as caudas, tomavam mesmo a atitude de dar o bote, mas de chofre acovardavam-se e corriam amedrontadas à voz da negra que lhes ordenava a retirada imediata. (*Idem*, p. 67)

Além desses aspectos, que a caracterizam, a personagem Balbina recebe outros atributos que embrutecem seu ser: “Era uma preta alta, corpulenta, de olhos maus, injetados de sangue, nariz grosso e beiços túmidos.” (*Idem*, *ibidem*).

José do Patrocínio descreve as vestes dos escravizados através de Balbina: “Atava-lhe a cabeça um lenço de chita vermelha com frisos brancos, e vestia-a até a cintura uma camisa branca de algodão trançado, e daí até os tornozelos salientes uma saia da mesma fazenda”. (*Idem*, *Ibidem*).

Ainda via Balbina, são apresentados os castigos que os escravizados recebiam de seus senhores:

Balbina não articulou uma queixa, nem uma desculpa, deixou-se ficar com os braços cruzados e a cabeça baixa. Os dois escravos obedeceram e fizeram-na chegar até junto de Coqueiro. Principiou então uma destas cenas repugnantes e iníquas; os escravos ataram os pulsos de Balbina e amarram-na pela cintura a um dos esteios do terreiro e cada um empunhou um azorrague. (*Idem*, p. 107)

Balbina é uma personagem de grande representação no romance. Em vários momentos da narrativa ela participa, porém sempre de forma negativa:

A moléstia de Antonica deu lugar a mais uma intimidade perigosa na sua família. Na qualidade de mezinheira foi chamada a tia Balbina para debelar o mal que assombrosamente devastava o organismo da moça.

A feiticeira tinha para insinuar-se a maciez da dissimulação e, apesar das asperezas do seu exterior, o trato, refalsadamente humilde, era agradável como o contato do pêlo da lontra[...](*Idem*, p. 103)

Em seu trabalho, José do Patrocínio parece prenunciar a escola naturalista: “o carrasco negro” tem seu comportamento determinado pelo meio, possui hábitos animalizados, rudes, grotescos e seu aspecto beira ao bestial: “[...] aparecia o carão negro, estúpido e truculento do carrasco, surgindo de sob o gorro vermelho como um vômito fuliginoso da garganta de uma fornalha. Fuzilava-lhe nas feições do garbo bestial do crime[...](*Idem*, p.33).

Há ainda:

Estátua informe da escravidão, cujas falhas foram cheias com o asfalto do calabouço, argamassada com o sangue que os açoites lhe tiraram do corpo, o desgraçado folgava talvez na sua brutalidade de fera. Os brancos fizeram dele uma vítima; proibiram-lhe que afinasse os sentimentos pela compreensão exata da família, da religião e da pátria; devia ser-lhe grato poder vingar-se de um dos seus opressores. (*Idem*, p. 36)

O “carrasco negro” é influenciado pelo meio onde vive, atávico, seu modo de ser e estar no mundo já estão pré-determinados. Independe de sua vontade, ele é, somente, o que a sociedade permite, ele é, forçosamente, o que já foram seus avós, barro humano por ser moldado.

[...]

Outro resultado dessa convergência da biologia e das ciências sociais foi o relevo dado a estoura idéia essencial do darwinismo, a de que ‘as circunstâncias externas determinam rigidamente a natureza dos seres vivos, inclusive o homem, e de que nem a vontade, nem a razão podem agir independentemente de seu condicionamento passado’ (Hayes). É a noção da onipotência do ambiente ou milieu de Comte e Taine. O homem é parte integrante da ordem natural, e seu corpo tanto quanto seu espírito se desenvolvem e atuam debaixo de seu condicionamento total e inevitável. (Coutinho, 1997: 8)

Assim, através de vários exemplos apresentados de construção de personagens, podemos perceber no romance de Patrocínio técnicas literárias do romantismo que já se finalizava, e, também características do realismo-naturalismo, que como escola-literária terá seu marco nacional com os livros *O Mulato* de Aluísio Azevedo em 1881 e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, publicado no mesmo ano.

3. No destino de Motta Coqueiro havia a imprensa.

O extermínio da família de Francisco Benedito aconteceu nas terras do fazendeiro Manuel da Motta Coqueiro, e coincidentemente, Coqueiro havia sido vítima de uma emboscada preparada e executada pelo chefe da família, desta maneira as autoridades locais começaram a apontar o fazendeiro como mandante do crime.

Alguns dias após o delito, o *Jornal do Comércio* publicou a transcrição de um artigo do jornal *Cruzeiro de Campos* intitulado: “*Caso Horroroso!*”

No dia 18 do corrente, pelas 3 horas da tarde, o Sr. Delegado de policia procedeu com o Sr. Escrivão Franco a uma busca na chacara em que reside o Sr. Manuel da Motta Coqueiro [...] Consta que o motivo da busca fora capturar-se o Sr. Manoel da Motta Coqueiro à requisição da autoridade policial da cidade de Macahé, por se haver descoberto ser este com seus escravos que assassinarão uma familia inteira, composta de marido, mulher e seis ou oito filhos [...] diz-se igualmente que o procedimento atroz do Sr. Coqueiro fora motivado por ter o chefe da familia ha pouco tempo dado no dito Sr. Coqueiro uma sova de pao. [...]” (*Cruzeiro*, In: *Jornal do Comércio*. 29/09/1852, p. 1)

No trecho acima, a imprensa noticiava a busca por Motta Coqueiro. O artigo foi intitulado “*Caso horroroso*” pela brutalidade apresentada no cenário do crime, segundo o jornal: crianças foram mortas e os corpos foram encontrados “porque *os cães e aves carnivoras principiarão a cercar a casa e alimentar-se dos corpos que ficarão sobre a terra mutilados a golpes de fouce.*” (*Idem, Ibidem*)

Após este artigo, Manuel da Motta Coqueiro não seria o mesmo. Nunca mais a imprensa o trataria como senhor. Os jornais o alcunhariam com nomes desprezíveis.

4. Os codinomes de Motta Coqueiro

Motta Coqueiro fora julgado antes que o júri o fizesse. Fora julgado, sobretudo, pela imprensa, que publicava algumas considerações sobre sua pessoa, estas eram manifestadas através de codinomes. A partir de outubro de 1852 o fazendeiro começou a receber adjetivos como: malvado, bárbaro, monstro...

Em 30 de outubro de 1852 o jornal *O Diário do Rio de Janeiro* publicou um relatório constando o recebimento de um ofício do delegado de Campos, Dr. Antonio Francisco de Almeida Barbosa, tal documento comunicava ao Sr. Venâncio José Lisboa a prisão de Motta Coqueiro. Neste relatório o fazendeiro era chamado de “*o barbaro autor da carnificina de Macabu*”, “*barbaro Coqueiro*” e “*indigitado autor*”. Ainda no dia 30 de outubro de 1852, *O Jornal do Comércio* publicou a prisão de Motta Coqueiro, no mesmo jornal encontrava-se também a notícia da prisão de Faustino e Flor, homens forros, também acusados de participarem do crime: “Temos o prazer de annunciar que as autoridades da provincia do Rio de Janeiro cumprirão o seu dever. [...] Mas faltava ainda a prisão do principal malvado, Manoel da Motta Coqueiro, autor de toda a carnificina [...]” (*O Jornal do Comércio*, 30/10/1852, p. 1)

Neste trecho vemos que Coqueiro era apresentado como malvado e autor principal do crime hediondo. A mesma notícia foi encontrada em um artigo transcrito do jornal *Cruzeiro de Campos*, publicado em *O Diário do Rio de Janeiro*: “Dedos de Deos.- O monstro horrível - a fera insaciável Manuel da Motta Coqueiro, entrou felizmente na cadeia da cidade de Campos no dia 23 do corrente...” (*Cruzeiro In: O Diário do Rio de Janeiro*, 02 /11/1852, p. 3)

No *Diário do Rio de Janeiro* de 07 de novembro de 1852, foram publicados artigos do *Monitor Campista* dos dias 28 e 30. No primeiro noticiava-se a prisão de Domingos, um dos escravos de Motta Coqueiro acusado de participar do assassinato. Já no dia 30 foi relatada a chegada de Coqueiro depois de preso em Macaé. Neste artigo o fazendeiro era chamado de “grande malvado” e “grande criminoso”. Além disso, descrevia-se que durante o interrogatório, o acusado respondia às perguntas a sangue frio.

Durante o final do ano de 1852, a imprensa permaneceu presente no caso, noticiava-se cada passo do réu e seus co-réus: Faustino, Flor e Domingos. Percebe-se que a imprensa estava engajada em formar a opinião pública sobre a imagem de Motta Coqueiro. Apesar deste engajamento, eram poucas as explicações em relação ao crime, mas atacava-se ofensivamente o fazendeiro, mostrando ínfimos indícios de ser este o mandante do assassinato da família de Francisco Benedito.

5. A estreita relação entre a imprensa e a literatura

Através deste trabalho de dissertação pretendemos demonstrar a estreita relação entre a imprensa e a literatura no romance de José do Patrocínio, *Motta Coqueiro ou A Pena de Morte*. O livro foi escrito a partir do fato que já mencionamos acima: o assassinato da família de Francisco Benedito. Como vimos, a imprensa acompanhava de perto o caso desde 1852 até 1855. E sempre a opinião apresentada nos artigos era a mesma, Motta Coqueiro era sim, mandante do crime. Em 1877, no romance de José do Patrocínio, era exposta uma idéia contrária àquela da imprensa de 1852: o crime foi apresentado como um ato de vingança de uma personagem desconhecida:

O malvado ergueu-se de súbito e arrastando após si a presa, acocorou-se junto de Francisco Benedito.

- Ouviu o que disse a sua filha, amigo Francisco? Ela pensa que é o capitão quem se desforra neste momento; e todos, quando encontrarem esta casa contendo os pedaços da tua raça, hão de pensar também que foi o capitão o autor desta vingança. E eu viverei tranquilamente, nem ao menos podes levar a esperança de que eu sofra um pouco, uma hora somente. Quanto é bom ter-se tu, amigo

Francisco, inimigos a cada canto! Os que são mais ofendidos podem castigar sem temor. Há quem sofra por eles. (Patrocínio, 1977, p. 204)

No trecho citado encontramos a fala do suposto assassino de Francisco Benedito na hora da execução da chacina da família. O executor deixa explícito não ser o capitão Motta Coqueiro.

A imprensa reivindicava uma posição das autoridades e influenciava a opinião pública. Apontava Motta Coqueiro e seus escravos como autores do crime. O próprio José do Patrocínio mostra em seu romance a posição dos jornais campistas à época do assassinato:

O Cruzeiro e Monitor Campista, folhas que dominavam a opinião de Campos. O primeiro no intuito de triunfar na oposição pessoal ao delegado, o segundo emalhado na rede da animosidade pública, acirraram desde logo o seu estilo de desabono do réu.

No Cruzeiro, sob a rubrica de alto efeito: Caso Horroroso, no Monitor, sob a três vezes mais comprometedora: A fera de Macabú, o submisso dicionário foi explorado pelos publicistas, impelidos pela sede vesana de adjetivos, ora sentimentais como um livro de Lamartine e que eram consagrados em nênias aos assassinados, ora infamantes como um barão e estes oferecidos, dedicados e consagrados a Motta Coqueiro. (Patrocínio, 1977, p. 233)

No momento contemporâneo ao crime houve muitos boatos e versões. Podemos conferir essa informação na imprensa da época. No dia 19 de outubro de 1852, foi publicado no *Monitor Campista* a notícia de que a polícia de Campos teria pedido à Vila do Itapemerim (Espírito Santo) a prisão de Coqueiro que estaria foragido naquela localidade:

[...] porque Coqueiro lá se foi apresentar com cartas de recomendação a um fazendeiro de Itabapoana que não quis receber.
Se tivesse dado as necessárias ordens, teria sido preso.
Será isso desleixo pela segurança pública, ou simpatia para o crime?
(Tinoco, 1966, pp.48 e 49)

O mesmo jornal de Campos anunciaria a captura de Motta Coqueiro no dia 17 de outubro de 1852. Segundo o periódico, Motta Coqueiro teria sido reconhecido pelo Inspetor de Quarteirão Francisco José Diniz:

Graças às enérgicas providências do digno Delegado de Polícia, o Sr. Dr. Francisco d'Almeida Barbosa, deve, à esta hora, já achar-se nas mãos da justiça de macaé o façanhoso Manuel da Mota Coqueiro, indiciado autor da mais bárbara carnificina de que há notícia em toda a Província do Rio de Janeiro...

O malvado conhecido que a sua espelunca já lhe servia de segura guarida, tratou de errar aqui e ali, qual fera açulada pelo caçador que lhe segue a pista...

Neste ponto, foi ele pedir agasalho em casa do digno inspetor de Quarteirão Francisco José Dinis; o qual tendo-o por suspeito, fé-lo conduzir à presença do subdelegado da Polícia, Sr. Francisco de Lanes Dantas Brandão[...]

Pelas seis horas e meia da tarde do dia 24, entrava o criminoso nesta cidade, no meio de uma comitiva imensa de curiosos, que do porto o acompanharam até a cadeia, aonde fora recolhido. (*idem*, p57-58)

A notícia veiculada pelo *Monitor Campista* apresenta Motta Coqueiro como vilão, mostra até um verdadeiro alívio por sua captura e prisão. Já ao contrário, José do Patrocínio em seu romance apresenta-o como vítima: “Às cinco horas da manhã do dia vinte e quatro de outubro de 1852 desceu algemado a escada da cadeia de Campos a amaldiçoada vítima da leviandade pública.” (Patrocínio, 1977, p. 229)

Acusado de crime hediondo, Motta Coqueiro torna-se um maldito para a sociedade, expurgo dos homens, vil mesmo entre os vis das galés. O próprio nome Motta Coqueiro não deveria ser jamais pronunciado. A “fera de Macabú” deveria ter seu nome apagado do rol dos viventes. O próprio José do Patrocínio descreve:

Tinha apenas as palavras secas do carcereiro e os olhares repulsivos de todos que por acaso relanceavam-lhe o semblante.

O infortúnio havia por fim afugentado os camaradas que outrora o cercavam; afastaram-se todos, porque a convivência com os celerados é indício de mau caráter. (*Idem*, p. 241)

Além desse registro, um jornal da época publicaria dois dias depois da captura de Motta Coqueiro, poema dirigido ao Sr. Julião Batista Pereira, louvado pelo fato de renegar seu público, infeliz e inoportuno apelido: Coqueiro.

O perigo do nome

Publicação: 19/10/1852 – O Monitor Campista

‘Ao público

Ao Ilmo. Sr. Julião Batista Pereira
de Almeida, pelo nobre sentimento com
que do seu bom e honrado nome riscou
para sempre o apelido Coqueiro:

Por sobre esse apelidado abominável,
Indignado, passaste a esponja humanamente,
Que embebida de Lethes, na torrente,
Tudo no mundo torna imemorable...

Exibiste uma prova assaz notável
De quando Horror te causa o crime
Fingente!...
Exibiste uma prova assaz patente
Do quanto o autor do crime é detestável!...

Praticaste uma ação que tanto agrada
Ao coração do justo e justiceiro,
Que julgo já por todos imitada.

Louvor te rende, pois um povo inteiro,
Que à tua a sua voz unindo brada:
-Eterno anátema ao fatal Coqueiro!!!!...’ (Tinoco, 1966, p.51)

Motta Coqueiro era assassino perante a imprensa e a sociedade. Os preparativos para a execução de Motta Coqueiro foram publicados pela imprensa em detalhes e na íntegra. Dois dias antes de ir para o patíbulo, o *Jornal do Comércio* lançaria matéria num domingo de março de 1855.

Gazetilha

-O assassino Coqueiro. – Hontem ás 9 horas da manhã chegou ao arsenal de marinha o réo Manoel da Motta Coqueiro, condemnado á pena ultima pelo bárbaro assassinato de uma familia inteira, e embarcou logo para o vapor de guerra Pedro II, que immediatamente seguiu barra fóra para Conduzir o réo a Macahé, onde tem de ser executado no dia 6 do corrente. Vai escoltado por uma força de 50 homens do corpo de permanentes, commandada pelo Sr. Capitão Castrioto, a qual só se retirará depois de cumprida a sentença. (*Jornal do Comércio*, 04/03/1855).

Passados 22 anos da execução de Motta Coqueiro, eis que um réu-confesso assume a verdadeira autoria do crime de Macabú:

Há dias, noticiamos que ao expedicionario S. João da Barra fora dirigido um telegramma dizendo que em Itabapoana, achando-se um homem nos paroximos da morte revelara ao padre que se achava á sua, prestando-lhe os socorros espirituaes, ter sido auctor dos assassinatos que levaram ao patíbulo, em nome da lei, Motta Coqueiro e mais tres infelizes, em 26 de agosto de 1855[...] (*Gazeta de Notícias*, 10/12/1877).

Logo após a divulgação deste telegrama, foi publicada a primeira parte do romance- folhetim *Motta Coqueiro ou A Pena de Morte*, na *Gazeta de Notícias* de 22 de dezembro de 1877, e que finalizaria em 3 de março de 1878.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Afrânio; co-direção COUTINHO, Eduardo de Faria. **Literatura Brasileira. (Era Realista era de transição).** 4ª. edição. São Paulo: Global, 1997. vl.6

PATROCÍNIO, José do (1853-1905) **Motta Coqueiro ou A Pena de Morte.** Rio de janeiro: F. Alves, Instituto Estadual do Livro, 1977.

_____. **Motta Coqueiro ou A Pena de Morte.** In: Gazeta de Notícias. 22/12/1877 a 03/03/1878.

SCHWARCS, Lílían Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1879-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TINOCO. Godofredo. **Mota Coqueiro, a grande incógnita.** Rio de Janeiro: São José, 1966.

Artigos de jornal

Cruzeiro. In: **Jornal do Comércio**, 29/09/1852, p.1

Idem. In: **Diário do Rio de Janeiro**, 02/11/1852, p.3

Diário do Rio de janeiro. 26/09/1852. p.2

Idem. 30/10/1852. p.1

Gazeta de Notícias. 10/12/1877

Jornal do Comércio. 04/03/1855

Idem. 30/10/1852. p.1

Monitor Campista. In: *Diário do Rio de Janeiro.* 07/11/1852